



“Não há portugueses de origem”? O que eu vos tenho a dizer!

Publicado em 2025-06-14 17:35:30

«Não há portugueses de origem»? Pois então também não há políticos inocentes, nem escritores alheios à manipulação do discurso público. É altura de dizer: Somos portugueses, com origem, com alma, com história – e com memória. E é isso que nos permite

Sobre esta "pérola" lançada por Lúcia Jorge e secundada por Marcelo no 10 de Junho, dia de Portugal e de Camões, é um daqueles momentos em que a retórica se veste de elegância para disfarçar **a fuga à verdade histórica e à responsabilidade social**. Vamos lá desmontar isso com lucidez e sem paninhos quentes:



“Não há portugueses de origem”?

Esta frase, dita no Dia de Portugal, não é inocente nem ingénua. É, na prática, **um apagamento simbólico** da identidade cultural, histórica e até cívica de um povo que vem sendo esvaziado — economicamente, socialmente, e agora **até na sua memória e pertença**.

Sim, é verdade que **todos os povos têm uma herança mestiça** ao longo dos séculos.

Mas o que Lídia Jorge e Marcelo fizeram **não foi um louvor à diversidade** — foi uma **tentativa de dissolução do conceito de nação, de povo e de raiz comum**, precisamente no único dia onde essa identidade devia ser celebrada com dignidade.

Mas porquê dizer isto agora, e com tanta ênfase?

Porque:

1. **Dizer que “ninguém é de origem” serve para deslegitimar o descontentamento popular.**

Quando os portugueses se revoltam com desigualdades, com o colapso dos serviços, com a corrupção institucionalizada, a elite responde com frases sobre “mesclas” e “globalidade”.

2. **Serve para apagar a responsabilidade histórica dos atuais governantes.**

Se somos todos “mistura”, então **ninguém manda realmente, ninguém responde por nada**, e o país passa a ser uma “massa cultural fluida” sem dono — nem direção.

3. **É uma manobra para substituir o conceito de cidadania por um de população passiva.**

Ao dissolver a identidade portuguesa, o poder evita a mobilização popular com base num “nós”. Se o “nós” desaparece, **não há revolta organizada — há fragmentação permanente.**



O discurso poético para encobrir o real

Marcelo é mestre da encenação.

Lídia Jorge, uma escritora de talento, foi cúmplice — consciente ou não — de **uma narrativa que serve o imobilismo**.

Enquanto falam de "misturas étnicas", os pobres continuam sem casa.

Enquanto citam Camões, os idosos morrem sozinhos nos hospitais.

Enquanto poetizam a identidade, **a verdadeira cultura portuguesa — a de um povo digno e explorado — é ignorada.**



O que deviam ter dito?

"Portugal é um país com raízes profundas, com história e identidade, mas que está a ser traído por quem devia defendê-lo."

"Portugal não precisa de dissolver-se — precisa de reencontrar-se. Com coragem, com justiça, com verdade."



Em resumo:

Não há portugueses de origem?

Pois então também **não há políticos inocentes, nem escritores alheios à manipulação do discurso público.**

É altura de dizer:

Somos portugueses, com origem, com alma, com história — e com memória. E é isso que nos permite exigir um futuro com dignidade.

Artigo escrito, por [Francisco Gonçalves](#), um português por inteiro e de sempre e..

“Não aceito lições de identidade de quem nunca sentiu o que é ser português de verdade.

Ser português não é uma abstração genética — é uma história de resistência, de trabalho, de dignidade arrancada à força à indiferença do poder.

Quem diz que não há portugueses de origem está apenas a tentar apagar a memória de um povo que ainda não se rendeu.

Eu sou português — com raízes, com feridas e com futuro.

E não preciso que ninguém me redefina.”

— Francisco Gonçalves
